

Liga Metropolitana x Liga Suburbana

Semelhanças e diferenças entre as competições de futebol no Rio de Janeiro

Glauco José Costa Souza*

Universidade Federal Fluminense

Resumo: O futebol é um importante instrumento para refletir sobre a história de determinada localidade, uma vez que nele estão presentes elementos que representam a sociedade na qual é praticado. Tal perspectiva é percebida em seu desenvolvimento no início do século XX no Rio de Janeiro, em que é possível verificar aproximações e distanciamentos dos diversos grupos ali presentes. Comparando as principais competições da Zona Sul e da região Central do Rio de Janeiro com as dos Subúrbios, é possível identificar momentos em que esses torneios são representados de maneiras semelhantes e diferenciadas. Tentando fugir à dicotomia entre as camadas altas e os homens vistos de baixo, essa análise busca refletir sobre o processo de desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro no início do século XX.

Palavras-chave: Futebol, Rio de Janeiro, Século XX.

Abstract: Football is an important instrument for reflecting on the history of a given locality, since it contains elements that represent the society in which it is practiced. This perspective is perceived in its development at the beginning of the 20th century in Rio de Janeiro, where it is possible to verify the approximations and distances of the various groups present. Comparing the main competitions of the South Zone and the Central region of Rio de Janeiro with those of the Suburbs, it is possible to identify moments in which these tournaments are represented in similar and differentiated ways. Trying to escape the dichotomy between the upper layers and the men seen from below, this analysis seeks to reflect on the development process of football in Rio de Janeiro in the early twentieth century.

Key-Words: Football, Rio de Janeiro, 20th Century.

Introdução

O futebol, principal e mais conhecido esporte brasileiro, é uma verdadeira “janela” para a compreensão dos mais variados aspectos de nossa história. No Rio de Janeiro, seu início está atrelado à ideia de civilização, tão característica do cenário europeu no início do século XX que se tentou imitar por aqui no mesmo período.

* Mestrando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Não obstante a esse desejo das elites¹, o esporte bretão não ficou restrito a apenas um tipo de extrato das diversas camadas sociais fluminenses e nem mesmo limitado a uma determinada região geográfica. Costumeiramente, quando se fala em elite no Rio de Janeiro, automaticamente é estabelecida uma ligação com a área denominada de Zona Sul, não obstante, tal concepção pode ser identificada em indivíduos de diversas localidades do Rio de Janeiro, como, por exemplo, em Bangu, onde a presença do futebol também foi muito forte.

Entendendo a elite como camada social em condição financeiramente elevada e também com *status* de alto valor perante os demais membros da sociedade, é possível perceber que em Bangu os ingleses que iniciaram a prática de futebol na Companhia Progresso Industrial se diferenciavam dos demais funcionários pela remuneração e respeito que envolvia o serviço técnico por eles ali praticado.

Além disso, em outros espaços urbanos dos Subúrbios também é possível identificar elementos da high-society, como parece ser o caso do High-Life Foot-ball Club, do Méier, que, segundo o jornal Gazeta de Notícias, de 26 de junho de 1907, era formado por uma fina rapaziada.

Se por um lado os *sportmen* desfilavam pela Cidade Maravilhosa definindo o novo tipo de estrutura corporal do homem republicano, bem vestidos e prontos a disputar animadas partidas de *football*, a massa que não deixou seus registros escritos também gozou desse hábito muito mais, aliás, do que pode desfrutar de outros esportes em virtude das características específicas que o “pé e bola” proporcionava.

Obviamente que os homens comuns só puderam jogar futebol no início do século XX dentro dos limites que a sociedade da época lhes permitia. Entretanto, isso não os impediu de realizar em seus espaços eventos e costumes semelhantes aos que eram vistos na alta sociedade. A Liga Suburbana de Futebol, fundada por um grupo de distintos *sportmen* em abril de 1907 é

uma prova disso, bem como o variado número de clubes que surgiram no período e que estavam distantes das regiões mais bem abastadas economicamente do Rio de Janeiro:

De maneiras diversas, as classes baixas também puderam desfrutar do esporte bretão, pois o futebol, diferentemente do remo, do turfe, do ciclismo ou do alpinismo, não era refém de instrumentos para ser praticado, isto é, enquanto, sobretudo o remo e o turfe, precisavam, obrigatoriamente, de barcos e cavalos, o futebol não exigia nem mesmo uma bola oficial. (SOUZA, 2015: 46)

Essa é a perspectiva central sobre a qual está estruturado o presente trabalho, que busca ressaltar a história dos primórdios do futebol no Rio de Janeiro vista de baixo². A opção por pensar este esporte a partir desta perspectiva se deve ao fato de ele ter sido tratado nos últimos anos pelos grandes clubes, deixando, por conseguinte, de lado equipes e jogadores fora deste círculo.

Contudo, elementos dessa abordagem já estão presentes, por exemplo, no trabalho de Mário Filho que relatava a prática constante de futebol nos subúrbios, destacando que moradores desses locais passavam o dia se divertindo com tal esporte:

O próprio processo de urbanização e reforma da cidade do início do século XX foi decisivo para a difusão do futebol pelos subúrbios cariocas. A expansão urbana levava a população de baixa renda para os subúrbios, com espaço suficiente para a improvisação dos campos de futebol. (SANTOS, 2008: 5)

Sendo assim, a própria configuração geográfica que se iniciou no Rio de Janeiro na primeira década de 1900 nos dá essa percepção, uma vez que a especulação imobiliária da zona Central e o encarecimento da Zona Sul lançaram um grande contingente de indivíduos para os arredores da Capital Federal, área em que foram surgindo os chamados campos de várzea, onde foi possível desfrutar de tal prática.

Por esse prisma, torna-se factível entender um dos elementos que tornaram o futebol mais afeito à realidade das camadas populares. Esse esporte, economicamente mais acessível do que seus concorrentes de época (remo, turfe, ciclismo, alpinismo), se inseria também na necessidade de esses indivíduos encontrarem remédios para as doenças que os assolavam. Na primeira metade do século XX, foi muito comum a ocorrência de epidemias em diversas regiões

do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que o Governo Central buscava encontrar medidas que erradicassem essa situação, como foi o caso da vacinação obrigatória, os homens e mulheres que sofriam diariamente com isso buscaram maneiras de derrotar esses agentes patógenos, sendo os esportes importantes mecanismos nessa luta. Se a alta sociedade incentivava seus integrantes a praticarem remo ou a montar a cavalo desde o século XIX, as camadas populares também tinham nessas novidades vindas da Europa maneiras de se tornarem mais saudáveis.

De formas variadas, as camadas sociais que compunham o Rio de Janeiro sofreram com a febre esportiva que incidiu sobre a região na virada do século XIX para o XX e que, até os dias atuais, não se dissipou. O futebol, inserido nesse contexto, caiu nas graças dos homens comuns, que, as suas maneiras, conseguiram praticá-lo. Ante as inegáveis tensões sociais que cercavam essas e outras relações, é possível identificar uma disputa pelo controle da prática futebolística.

Por meio da “janela” que é o futebol, busca-se entender melhor o cenário em que estava inserida a sociedade fluminense no início do século XX. Se, por exemplo, no plano político, é possível identificar a exclusão de determinados segmentos sociais advinda de aspectos específicos, tal qual a proibição de votar atribuída aos analfabetos, processo semelhante também se verifica no futebol, como a vedação à participação de jogadores na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (também conhecida por Liga Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro) que não soubessem ler e escrever.

As principais informações apresentadas neste trabalho foram obtidas junto a jornais da época. Jornais de grande circulação como o *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil* e *O Paiz* são usados para trazer dados sobre o desenvolvimento do futebol na região Central e na Zona Sul do Rio de Janeiro. Contudo, neles também possível conhecer elementos sobre a prática deste esporte nos Subúrbios, mas é por meio de *A Gazeta Suburbana* que

conseguimos enxergar um pouco mais não só de como se jogava futebol nesta região, como também a maneira que o mesmo era visto ali.

Até recentemente, tal perspectiva gerava na historiografia um grande desinteresse pelo conhecimento a respeito das camadas populares. Os homens comuns eram vistos como seres passivos e desprovidos de história. A exclusão identificada no campo político foi, inegavelmente, reproduzida também na maneira de estudar outros hábitos sociais, como as práticas cotidianas, formas de lazer, modos de vida, símbolos, valores e crenças.

Diante da contestação dessa debilidade historiográfica, pesquisadores da História do Brasil se voltaram para uma reinterpretação do que outrora era visto como “passividade popular”, tanto no ramo da história política, quanto no que se convencionou chamar de história cultural.

Nesta última ramificação, aliás, o futebol pode ser inserido como uma maneira de compreender os mecanismos utilizados pelas camadas populares para fugir das barreiras de exclusão que lhes eram impostas. Um fato que nos será de grande utilidade neste trabalho é a existência de uma liga oficial, organizada pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestre³, e da Liga Suburbana de Futebol, torneio com um caráter mais popular.

Os vários clubes fundados ao longo dos anos iniciais do século XX também servem para corroborar a ideia de que o futebol não só esteve longe de ser monopólio de um único grupo social em seu início, como também indica algumas características (cultura, economia, sociedade) próprias dos indivíduos que não deixaram registros escritos.

A Liga Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro

Para Peter Burke, as inovações culturais são muitas vezes obras de pequenos grupos, mais do que de indivíduos, neste sentido, pensar o desenvolvimento de práticas culturais comparando suas ocorrências em ambientes sócios econômicos distintos pode levar a

identificação de diferenciações consideráveis e também de reproduções relevantes que mostram como esses grupos podem, ao mesmo tempo em que tentam ser diferentes, trazer semelhanças.

“Foi brilhante a temporada de 1905 [para] o hygienico ramo de sport, que entre nos tomou um incremento espantoso este anno” (Jornal do Brasil, em 30/10/1905). Como se não bastassem as várias partidas entre cariocas e paulistas, também ocorreram *matches* beneficentes e duelos cujos objetos da vitória foram medalhas e taças. Em razão desse *boom*, as autoridades brasileiras, como, por exemplo, o Presidente da República, Rodrigues Alves, e o Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, Pereira Passos, se fizeram presentes aos mais importantes jogos daquele ano. Tudo isso, porém, tem importância relativa quando se sabe que foi em 1905 que a Liga Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro foi fundada e que, assim, ocorreu na temporada seguinte o Campeonato de Futebol da Capital Federal.

Essa decisão foi tomada ante ao crescimento do esporte bretão que se dizia há pouco mais de três anos era “desconhecido entre nós (...), pois somente duas sociedades [The Rio Cricket & Athletic Association e Payssandu Cricket Club], e constituídas de honrados membros da colônia inglesa, a elle se entregavam” (Jornal do Brasil, em 30/10/1905).

O futebol crescia a olhos vistos entre as diversas classes e localidades que constituíam o Rio de Janeiro daquele período. Em 1904, por exemplo, muitas sociedades dedicadas a sua prática foram fundadas, como o “Foot-ball & Athletic Club, Bangu Athletic Club, Botafogo Foot-ball, America Foot-ball Club, Internacional Foot-ball Club, Colegio Militar Foot-ball Club, Escola Militar Foot-ball Club, etc” (Jornal do Brasil, em 30/10/1905). A criação destas instituições é mais uma prova do crescimento deste salutar esporte, bem como também o é a sua adesão por parte de muitos colégios cariocas, como o Club Guanabarensense, Humayta Foot-ball Club e a Associação Athletica do Collegio Paula Freitas, inculcando na mocidade do Rio de Janeiro o hábito do futebol. Aquela altura, segundo o Jornal do Brasil, eram “cerca de 30 as associações de foot-ball, o que é deveras espantoso” (Jornal do Brasil, em 30/10/1905).

Em meio a toda essa efervescência de clubes, um deles se destacava perante os demais, e não só pela qualidade técnica de seus jogadores. Sem receio o *Jornal do Brasil* afirmava, em 30 de outubro de 1905, “que o verdadeiro introductor do salutar jogo ao ar livre, então bastante explorado, e cada vez mais em S. Paulo, foi o Fluminense Foot-ball Club, por iniciativa de uma plêiade de rapazes educados na Suíça e na Inglaterra”. Assim, às vésperas do Primeiro Cariocão, o Fluminense figurava como o favorito.

O ano de 1906 começou, entretanto, sem que a composição do Campeonato Carioca se mostrasse completa. O projeto original previa 12 clubes disputando o torneio, que, por sua vez, seria dividido entre 1ª e 2ª divisão, sendo que a divisão principal seria disputada entre os 1º e 2º teams. Esta, por sua vez, contaria com Bangu Athletic Club, Botafogo Football e Regatas, Fluminense Football Club, Football and Athletic Club, Payssandu Cricket Club e The Rio Cricket and Athletic Association.

A 2ª Divisão, porém, se em 1905 acreditava-se que ela “compor-se-a do America, do Internacional e de mais outros quatro clubs” (*Jornal do Brasil*, em 30/10/1905), já no ano seguinte apresentava o América como o único clube confirmado no torneio. Diante desse impasse, que se persistisse obrigaria o América a ficar a temporada em descanso enfrentando apenas ao seu final o pior time da 1ª divisão para que, assim, se fosse vencedor, pudesse alçar à elite, o clube solicitou à Liga sua inclusão na 1ª divisão, que, conseqüentemente, seria disputada por 7 times. Por 8 votos contra 4, contudo, a tentativa foi rechaçada, mas poderia ser acatada se até a data limite não houvesse associação de nenhuma outra instituição.

O Estatuto que dava fundamento legal ao “primeiro” campeonato de futebol do Rio de Janeiro estipulava que a inclusão de um novo clube à Liga estava sujeita a proposta de dois clubes membros, da aceitação pelas assembleias dos clubes e da diretoria da Liga. Neste sentido, o Riachuelo Foot-ball Club, por proposta do América e do Bangu (*Jornal do Brasil*,

em 18/03/1906) e a Associação Athletica Collegio Latino Americano foram os clubes aprovados pela Liga para, juntamente com o América, disputarem a 2ª divisão do Carioca.

O modelo em que se deu a disputa da 2ª divisão também foi motivo de discussão. Um texto enviado por Roldana (pseudônimo desconhecido) para o jornal *Gazeta de Notícias* questiona a atitude da Liga Metropolitana em desenvolver o futebol de forma desigual, o que, segundo o autor, deveria exigir que “para isso ella conseguir, torna-se necessária a justiça” (*Gazeta de Notícias*, 22/04/1906) que seria alcançada com a disponibilização de uma taça ao vencedor da 2ª divisão, nos mesmos moldes do que já acontecia com o campeão da divisão principal. Roldana nos aponta que as duas taças (Taça Colombo e a Taça Caxambu) deveriam ser distribuídas entre as duas divisões existentes, mas a decisão da Liga em utilizá-las para premiar os 1º e 2º times da 1ª divisão é uma prova da desigualdade atribuída para as disputas, o que não colabora para a exaltação desse importante esporte.

No domingo seguinte a essa publicação, um artigo de autoria de Americano (outro pseudônimo), também publicado em *Gazeta de Notícias*, questiona as ideias de Roldana. Segundo ele,

pela leitura dos Estatutos da Liga vê-se que todos os club a ella filiados, quer da 1ª, quer da 2ª divisão, estão em igualdade de condições e gosando dos mesmos direitos, sendo que o desmembramento do campeonato em duas divisões importa exclusivamente a conveniência do jogo, sem outro fim perceptível (*Gazeta de Notícias*, 29/04/1906).

Para Americano “os 2º divisionários muito devem louvar a Deus (não de galinhas) por não ser uma taça esse premio, porque se fora haveriam talvez 3º teams da 1ª divisão para conquistá-la” (*Gazeta de Notícias*, 29/04/1906). O vencedor da 2ª divisão é, pois, um agraciado com a glória de ascender à divisão principal. Ele ressalta também a discussão que havia a época sobre a ocorrência ou não da disputa da divisão de acesso, pois, àquele momento, somente o América estava confirmado.

A composição da 2ª divisão não era um empecilho para o início do torneio de futebol. O fato de os clubes conseguirem pagar 50\$000 anuais para se filiarem à Liga não garantia que eles tivessem condições de arcar com as despesas correntes para se manter no campeonato, pois, além da anuidade, havia multas (pela ausência do árbitro indicado pelo clube, por exemplo), despesas com deslocamentos (transporte) e aluguel dos campos de jogos, sem, contudo, haver nos clubes menores garantia de casa cheia e arrecadação com ingressos que sustentassem esses investimentos. É preciso termos em mente que havia outros esportes em voga naquele período, sendo, por exemplo, o remo tão grande ou maior do que o futebol. A própria montagem do calendário do Campeonato se viu sujeita a compatibilidade com os outros tipos de jogos. O Rio Cricket e o Payssandu, clubes da colônia inglesa, tidos como nomes certos na disputa do título da 1ª divisão em 1906, sabiam que não poderia jogar “em certos dias, visto ter que disputar o campeonato de cricket [e] em dous dias de agosto jogará lawn tennis” (*Jornal do Brasil*, 24/01/1906), respectivamente. De certa maneira, os problemas que os clubes enfrentavam eram mais afeitos a realidade do esporte e do lazer da época do que a um suposto plano para impedir a participação de membros não desejáveis socialmente, embora esta questão seja inegável diante de uma sociedade marcada por traços institucionais ligados a segregação social e racial.

Os clubes da época, diferentemente dos de hoje, dependiam essencialmente das doações de seus sócios. Valores em joias e mensalidades eram o principal meio de subsistência dessas associações, logo, quando seus sócios tivessem dificuldades para permanecerem adimplentes, os clubes teriam dificuldades para realizar seus eventos. Esse cenário era muito mais instável nos clubes não elitizados, isto é, naqueles ligados aos trabalhadores que aquela época ainda sentiam os efeitos do Encilhamento corroerem suas rendas.

A Liga Suburbana e suas semelhanças com a Liga Metropolitana

Em 21 de março de 1907, o jornal *O Paiz* informou que “a digna directoria do Mangueira F. B. vai officiar às sociedades congêneres, não filiadas á Liga dos Sports Athleticos⁴, convidando-os para uma reunião em que se tratará da fundação da Liga Suburbana de Football”. A Liga Suburbana, com estatutos e condições próprios, iria ser criada para dar vazão aos diversos times que não tinham condições de disputar o torneio da Liga Metropolitana de Futebol.

Seria nesse espaço alternativo que o melhor clube da 2ª Divisão da Liga Metropolitana em 1906 poderia desfrutar das glórias que lhe foram negadas naquele torneio.

Adiantam-se bastante nos subúrbios o entusiasmo e animação pelos jogos athleticos. Já se fala numa liga suburbana e a rapaziada não pensa noutra coisa. Domingo ultimo [24/03/1907] foram disputados vários matches. No campo do Cascadura (...) [e] No campo do Sport Club Mangueira. (Gazeta de Notícias, em 28/03/1907).

O crescimento do futebol era visível também nos Subúrbios e, portanto, era só questão de tempo até que um campeonato pudesse engrandecer a prática deste nobre esporte em regiões não tão estimadamente consideradas. Assim,

Sob o título de Liga Suburbana de Football, quatro clubs se confederaram para este anno disputar um campeonato regional sob seus auspícios. Fazem parte da referida Liga o Riachuelo F.C., Nacional F.C., Sampaio F.C. e Mangueira F.C. (*Jornal do Brasil*, em 15/04/1907).

A competição, que oferecia prêmios para os 1º e 2º times, estava previsto para começar em 05 de maio de 1907 e, sob a presidência do Sr. Augusto José Teixeira, foi criada uma comissão para a elaboração da lei orgânica da confederação das sociedades suburbanas nos mesmos moldes do que ocorria com a Liga Metropolitana. A atitude dessa comissão, que contava como vice-presidente da Liga, Arnaldo Joppert, e como tesoureiro Luiz Maia, “causou bela impressão nos subúrbios, porque o football so terá a lucrar com a ideia em boa hora lembrada e posta em prática pelas ditas sociedades” (*Gazeta de Notícias*, 30/09/1907).

Participaram da 1ª edição do torneio, além do Riachuelo, como já dito anteriormente e que seria o vencedor dos 1º e 2º quadros, o Sport Club Mangueira (da Tijuca), fundado em 27 de julho de 1906 – vice-campeão no 2º quadro; o Nacional Football Club (do Riachuelo), fundado em 1º de agosto de 1906; o Pedregulho Football Club (de Benfica), fundado em 03 de maio de 1906 – vice-campeão no 1º quadro; e o Sampaio Football Club (do Sampaio), fundado em 17 de junho de 1906, mas que não chegou a terminar o torneio, pois se retirou por falta de jogadores (*Jornal do Brasil*, 17/06/1907). Aliás, houve dificuldade também pela Liga Suburbana para sacramentar os participantes de seu torneio inaugural.

Além dos já citados participantes, outros clubes suburbanos também tiveram o desejo de aderir a Liga (*Gazeta de Notícias*, 13/04/1907). O Athletic Mangueira Club, por exemplo, foi fundado em 1907 e se acreditava fielmente que seria um dos participantes da Liga Suburbana, mas não jogou; bem como o Esperança Athletic Club, que chegou a realizar jogos entre seus associados para decidir o time que disputaria a Liga Suburbana, a qual logo se filiaria, pois, segundo o *Gazeta de Notícias*, o Sr. Augusto Teixeira, presidente da Liga, facilitaria este desejo, mas, quando o torneio começou, também esteve ausente. Neste cenário também pode ser incluído o caso do Oriental Athletic Club - depois chamado de Centro Sportivo do Engenho Velho – que, apesar de ter incorporado “os bons elementos de dous club de foot-ball que inexperadamente se haviam extinguido: do antigo Latino Americano que jogou na Segunda Divisão da Liga Metropolitana e do valoroso team do Collegio Paula Freitas” (*Jornal do Brasil*, 23/07/1907), não agraciou a Liga Suburbana com a sua presença.

Ainda nesta “Liga Alternativa”, por assim dizer, a participação de todos os clubes que desejassem jogá-la não estava garantida. Esperava-se o cumprimento de alguns requisitos mínimos para tanto, bem como também ocorria na Liga Metropolitana. Se nesta competição existiam barreiras práticas como o desprestígio atribuído a 2ª divisão, que sequer proporcionava um troféu ao seu vencedor, a exigência de alugueis de campos com o mínimo de condições para

um bom jogo, bem como o deslocamento aos estádios dos adversários, eram obstáculos semelhantes que podiam ser encontrados na Liga Suburbana.

A Liga Suburbana foi criada pelos moradores dos subúrbios em moldes parecidos com os quais foi criada a Liga Metropolitana e, ainda que ela recebesse muitos dos clubes que não encontravam espaços no restrito cenário daquela competição, como era o caso do Riachuelo, não foi possível a todos os interessados participarem, como ocorreu com o Sampaio que, depois de estar na disputa, teve que abandonar a competição por falta de time. O caso do Sampaio não pode ser pensado apenas do ponto de vista quantitativo, já que àquela altura no Rio de Janeiro seria possível encontrar homens em número suficiente para a montagem de uma equipe de futebol, mas este caso tem que ser visto sob o prisma da qualidade técnica destes jogadores. Tomando como exemplo um fato ocorrido com o Mangureira, é possível perceber que se desejava como participantes da Liga *foot-ballers* que soubessem praticar bem o jogo. A própria procura para assistir aos jogos do Fluminense, como principal e melhor time de futebol do Rio de Janeiro, atraía para suas exibições indivíduos que iam além do público elitista que tradicionalmente ocupavam os lugares nas arquibancadas de seu *ground*. Para apreciar um jogo de boa qualidade técnica, os homens e as crianças, “não querendo ou não podendo marchar com a arame [dinheiro] da entrada, para assistir ao jogo de foot-ball no ground da rua Guanabara” (*O Malho*, em 28/10/1905), se utilizaram de diversos métodos para “aprecia todas as peripecias desse jogo que vai se tornando tão popular⁵” (*O Malho*, em 28/10/1905) afinal, em 1902 havia jogos do mesmo Fluminense gratuitos.

Dentre algumas das vedações impostas pela Liga Suburbana aos seus participantes está o fato de que um atleta que disputasse outro torneio não poderia estar inscrito naquela competição (*Jornal do Brasil*, em 18/08/1907). Não obstante, mesmo ciente disso, o Sport Club Mangureira tentou valer-se de jogadores a época integrados ao Bangu Athletic Club (que a época

jogava a Taça Bangu, por haver rompido com a LMSA em 1907) para reforçar seus excrete, o que, quando denunciado à Liga, foi vetado (*Gazeta de Notícias*, em 02/10/1907).

Apesar desses e de outros contratemplos a Liga Suburbana foi realizada, o Riachuelo se impôs perante os adversários e, com apenas uma derrota em todo o torneio, foi o vencedor da competição, tanto com o 1º quanto com o 2ª time. Em seu único revés, porém, com o 1º quadro, é possível encontrar elementos de sua superioridade.

No duelo entre Pedregulho F.C. x Riachuelo F.C, às 16h do dia 26 de maio de 1907, foi dado pelo Riachuelo o kick-off da partida disputada no campo do Athletic Mangueira. O Riachuelo teve uma boa atuação, mas foi derrotado por 3 a 2, graças ao erro do *referee* Soares Pinto [do S.C. Mangueira], que assinalou *off-side* em dois gols marcados pelo Riachuelo e que, por essa razão, foi muito prejudicado por fatores externos. “Aproveitamos a ocasião para chamar a atenção da digníssima directoria da Liga, sobre a escolha dos referees (...) Tivemos também a ocasião de notar as más condições do campo, como a falta de cumprimento de uma resolução última da Liga” (*O Paiz*, em 30/05/1907). A Liga Suburbana chegou a montar uma comissão específica para avaliar o estado de alguns campos onde eram disputados os jogos do seu torneio, como também acontecia na Liga Metropolitana, pois

Seus jogos, assim como aqueles realizados pela Liga Metropolitana, atraíam aos estádios “grande assistência”, sendo em geral “muito concorridos – contando mesmo com a presença de “muitas senhoras e cavalheiros” que atestavam o sucesso da iniciativa. O sucesso da nova entidade geraria, como consequência principal, o aparecimento por toda a cidade de diversas ligas congêneres, abrindo novos campos para a prática do jogo. Longe do monopólio pretendido pela Liga Metropolitana, o futebol ia assim alastrando-se por vários bairros e grupos da cidade (PEREIRA, 2000, 70).

As formas alternativas do futebol competitivamente organizado no Rio de Janeiro não se limitaram à Liga Suburbana, afinal de contas havia “cerca de doze a quinze clubs fora da Liga Metropolitana, alguns dos quaes bem florescentes e reunindo bons elementos para a disputa de uma prova de honra” (*O Paiz*, 15/03/1907). Esse foi o caso de dois clubes que saíram da Liga Metropolitana de Futebol e buscaram liderar a formação de novos campeonatos: o

Bangu e o Rio Crícket. O Bangu fundou o que ficou conhecido como Taça Bangu, da qual se sagrou campeão, enquanto que o Rio Cricket deu início a União Sportiva Fluminense.

Diferenças entre a Liga Metropolitana e a Liga Suburbana

Embora tenham semelhanças, a Liga Suburbana e a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres também mostravam diferenças. Se, em um primeiro momento isso pode significar certa contradição, deve-se ao fato de as competições serem organizadas por indivíduos que são sujeitos do seu tempo e, portanto, complexos ao longo do processo de constituição da sua identidade.

“O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL 2006: 13), definiu Stuart Hall, uma afirmação que nos é bastante útil para pensarmos justamente os diferentes processos de identidades formados no início do século XX em torno do futebol no Rio de Janeiro.

Importante ressaltar que só podemos identificar a Liga Suburbana com características próprias quando a contrapomos à Liga Metropolitana. Dessa forma, suas identidades são relacionais, isto é, dependem do que lhe é visto como oposto, mas, não custa reforçar que, como já mostrado neste trabalho, essa diferenciação não é absoluta.

Em termos de diferenciação, não podemos deixar de observar que a Liga Suburbana permite sim a participação de clubes que não teriam espaços na LMDT, como é o caso inequívoco do Riachuelo, seu grande vencedor e aspirante frustrado do que hoje seria o Campeonato Carioca em 1907.

Também há uma diferença entre os participantes das equipes que disputam as duas competições. Na década de 1910, por exemplo, jogadores campeões da Liga Suburbana pelo Engenho de Dentro A.C. precisam ganhar uma nova identidade para disputar a Liga Metropolitana de Sports Athleticos (substituta da Liga Metropolitana de Futebol).

Esse, por exemplo, é o caso do goleiro Nelson da Conceição, conhecido como Chauffer, que foi guarda-metas do Engenho de Dentro A.C. e do C. R. Vasco da Gama, a partir de 1919, quando teve até mesmo que mudar de profissão para passar a defender o time de origem portuguesa:

A diretoria do Vasco da Gama, sob a presidência de Francisco Marques da Silva, resolveu mudar a lógica do futebol até aquele momento. Sem se importar com a cor ou a condição social dos jogadores do seu primeiro quadro, e nem com seus dotes comprovados em grandes jogos, o Vasco contratou, de uma vez, seis jogadores dos dois melhores times dos subúrbios cariocas. O clube buscou o que se chama no futebol de a “espinha dorsal” do tricampeão suburbano. Nelson, o Chauffer, foi para o gol vascaíno (SANTOS, 2010: 209).

Para o jornal *Gazeta Suburbana*, a transferência desses atletas para o Vasco poderia ser resumida em uma verdadeira relação comercial. Em 5 de abril de 1919, o periódico destacava que “DIZEM...que o Vasco pretende contratar o Engenho de Dentro”.

Nesta mesma edição, em uma seção chamada *Pelo Sem Fio*, um diálogo imaginário entre Mascate, jogador que havia permanecido no Engenho de Dentro, com Nelson, Pederneiras e Quintanilha (capitão do tricampeão suburbano que também havia se transferido para o Vasco), indica quais os motivos que podem ser os responsáveis por tal troca.

PELO SEM FIO
Informações de toda parte

Quintanilha,
Isso não é sério, isso não se faz. Hás de ter remorso e então quando voltares...a porta está fechada! [assinado] Mascate

Mascate,
Não continuo jogando no teu team por que agora vou ser profissional. [assinado]
Quintanilha.

Mascate,
Queres jogar pelo Vasco? Se quiseres, escreva-me para a sede do club, faço a tua inscrição, virás a todo os treinos, terás emprego, medalha de ouro e serás campeão no próximo campeonato. [assinado] Pederneiras (*Gazeta Suburbana*, 5 de abril de 1919).

Os diálogos representados acima não foram reais, porém, servem para indicar que motivos levaram jogadores dos subúrbios a trocar de clubes em um período cujo profissionalismo no futebol inexistia oficialmente, mas ocorria sob a denominação do

Profissionalismo Marrom, um tipo de relação indireta de remuneração de indivíduos pelo que rendiam dentro de campo, porém, disfarçada por uma suposta ligação profissional com alguma empresa:

O jogador de futebol se convertia em um verdadeiro trabalhador urbano. Com a popularização dos esportes e, principalmente, com o fenômeno futebol, jogadores oriundos das camadas menos abastadas se mostravam bons jogadores em clubes menores e passavam a ser interesse das grandes empresas do futebol, aquelas agremiações com potencial para lotar estádios e ter rendimentos anuais na casa das centenas de milhares de contos de réis. Aliás, esse novo trabalhador encaixava-se bem no modelo de trabalhador das cidades no início do século XX. (SANTOS, 2010: 212)

Nelson da Conceição era um desses casos e a Ata da 3ª Sessão da Diretoria do Vasco, de 1º de fevereiro de 1922, assinada pelo presidente Antonio Almeida Pinto, deixa isso claro ao indicar o pagamento da gratificação de 35\$000 ao arqueiro que a época tinha vínculo empregatício com uma loja de comércio de um dos sócios do Cruzmaltino.

Não só o pagamento em espécie nos é útil para mostrar o futebol servindo como fonte de renda para ele, mas também a assunção de suas dívidas com a farmácia, como, por exemplo, por meio de “uma conta de tratamento médico e farmácia para o jogador Nelson de 132\$500” (Ata da Diretoria do Vasco, em 8 de março de 1922), cujo valor supera e muito a remuneração de um proletário comum e até mesmo ao valor da gratificação recebida pelo goleiro no próprio Vasco da Gama. Em abril do mesmo ano, outra ata de reunião indicava o pagamento de 100\$000 ao mesmo jogador e para essa finalidade.

Segundo o jornalista Mario Lago Filho, esse tipo de prática recebia um único nome: bicho. “Por isso mesmo, além da casa, comida, roupa lavada e engomada, o português dava dinheiro aos jogadores de Moraes e Silva. (...) Toma lá, ó Nelson da Conceição para que não engulas nenhum gol” (FILHO, 2003: 123).

“O Vasco estabelecia assim uma nova relação entre o capital e o trabalho no meio do futebol, corrompendo as leis da Liga, mas adequando-se à realidade brasileira e inserindo-se nas práticas capitalistas em desenvolvimento” (SANTOS, 2010: 256). Mais do que isso, o

Cruzmalino inseria definitivamente uma lógica comercial neste esporte que se manteve encoberta até a década de 1930, no Rio de Janeiro, quando ocorreu a oficialização da profissionalização do futebol carioca. Como quase todas as conquistas trabalhistas advindas da chamada Era Vargas, esse processo não pode ser entendido como uma simples concessão para os jogadores de futebol, mas sim resultado de lutas cotidianas ao longo de pelo menos mais de uma década antes da sua confirmação. O futebol já era uma fonte de renda importante para clubes e atletas na então Capital Federal antes de ser legalmente reconhecido como uma atividade profissional.

Conclusão

O futebol, como elemento cultural inserido em uma lógica de determinada sociedade, não apresenta uma interpretação linear. Longe de ser monopolizado pela elite carioca, este esporte pode ser desfrutado pelos homens comuns muito mais do que outras atividades congêneres, mas, ainda assim, isso não significou uma popularização do futebol, se pensarmos no sentido de acessibilidade.

Se, por um lado tivemos na Liga Metropolitana uma competição diretamente ligada à elite da época, a Liga Suburbana, por sua vez, esteve longe de significar uma competição aberta as equipes e aos jogadores cujas participações eram vetadas por aquela.

Com semelhanças e diferenciações, os dois torneios apresentam características que representam o ambiente social em que estavam inseridos, permitindo, ao futebol, ser uma importante “janela” para essa análise.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 8 ed. São Paulo: Martin Claret, 2012;
- BENCHIMOL, Jaime L. *Pereira Passos: um Haussman tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992;
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Editora Unesp, 2002;
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986;
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Portugal, Algés: Difel, 2002;
- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucila de Almeida Neves (org). *O Brasil Republicano Volume I: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008;
- FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Mauad, 2003;
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARZANO, Andrea e MELLO, Victor Andrade de (orgs). *Vida divertida: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010;
- MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001;
- MELO, Victor Andrade de. *Remo, modernidade e Pereira Passos - Primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil*. Revista Esporte e Sociedade nº 3, 2006;
- SANTANA, W. P. *As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924)*. Memória (Bacharelado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013;
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *O futebol na cidade do Rio de Janeiro: microcosmo dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933)*. São Paulo: Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão, 2008;
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923)*. Campinas: Leituras de Economia Política, jan/jul 2008;
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2010;

- SANTOS JUNIOR, N. J. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2012;
- SANTOS JUNIOR, N. J. *Um jogo de representações: o futebol suburbano nos jornais da cidade do Rio de Janeiro (década de 1910)*. Goiânia: Pensar a Prática, v 16, n 4, out/dez 2013;
- SANTOS JUNIOR, N. J., MELO, V. A. “*Recriar, instituir e advogar os interesses suburbanos*”: posicionamentos sobre o futebol na *Gazeta Suburbana* e no *Bangú-Jornal (1918-1920)*. Porto Alegre: Movimento, v.20, n 01, jan/mar de 2014;
- SANTOS JUNIOR, N. J., MELO, V. A. *Violentos e desordeiros: representações de dois clubes do subúrbio na imprensa carioca (década de 1910)*. São Paulo: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 27, n 3, 2013;
- WOODWARD, Kathryn. “*Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2014;
- SOUZA, Glauco José Costa. *As várias maneiras de lutar: o trabalhismo na União Operária do Engenho de Dentro*. Universidade Estadual do Ceará. Revista Bilros. V.2, Nº2, 2014
- SOUZA, Glauco José Costa. “*O futebol nós podemos jogar*”: *Uma Análise sobre o desenvolvimento do futebol fora dos clubes de elite do Rio de Janeiro*. Revista Recorde, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 1-28, jul/ dez. 2015;
- SOUZA, Glauco José Costa Souza. *O futebol visto de baixo O desenvolvimento entre as camadas populares do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX (1907 – 1924)*. Rio de Janeiro: Anais do XVII Encontro de História da Anpuh-RJ: História do esporte e das práticas corporais, 2016; e
- THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Fontes

A Gazeta Suburbana

Correio da Manhã

Jornal do Brasil

Gazeta de Notícias

O Paiz

¹ Conforme definição de Victor Andrade Melo: As elites eram formadas por aqueles que detinham o poder econômico, político e cultural, “constituídas tanto pelos proprietários dos meios de produção quanto pelo que pode

ser chamado de setores médios ou pequena burguesia. Inicialmente, eram os nobres, políticos e aristocratas ligados à economia agroexportadora. Posteriormente também a integraram os setores urbanos, como militares de alta patente, envolvidos com o alto comércio e indústria, além de parte da intelectualidade” (MELLO, 2001: 17).

² A História vista de baixo tem como marco referencial a década de 1960, em que eclodiriam trabalhos de historiadores como Edward P. Thompson, Christopher Hill, Eric Hobsbawn, Carl Ginzburg, entre outros.

³Essa competição foi considerada pelos jornais de maior circulação na Capital Federal como a pertencente do grupo que praticava o verdadeiro futebol, mas é importante destacar que pesquisas recentes indicam uma grande disputa por espaço, público e até mesmo jogadores com as diversas “Ligas Alternativas” que ocorriam no Rio de Janeiro.

⁴ O nome oficial da entidade era Liga Metropolitana de Futebol, conforme pesquisa de Roberto Assaf e Clovis Martins.

⁵ O termo popular utilizado pelo redator do Jornal do Brasil está relacionado à ideia de que o futebol estava cada vez mais conhecido dos moradores do Rio de Janeiro. Ainda que alguns o liguem a uma ideia de ser popular por ter ligação com o chamado “povo”, isto é, homens e mulheres comuns, não é esse sentido a que é atribuído no contexto em questão.